

Trabalhos Científicos

Título: A Pandemia Por Covid-19 E O Declínio Das Taxas De Cobertura Vacinal No Primeiro Ano De Vida

Autores: NYCOLLE ALMEIDA LEITE (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), JOÃO PEDRO VENANCIO LIMA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), FILIPE JOSÉ PEREIRA MAGALHÃES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), ISABELLA REBOUÇAS DE LIMA SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), JOÃO VICTOR ROZENDO DA SILVA FREITAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), LORENA RAQUEL MATIAS XAVIER (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), MATHEUS DE CASTRO SALES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), NICOLAS ARAÚJO GOMES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), REBECA GOMES DE AMORIM (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), MARCO TÚLIO AGUIAR MOURÃO RIBEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)

Resumo: Introdução: No Brasil, dentre os principais problemas de saúde pública encontram-se as doenças infectocontagiosas. O Programa Nacional de Imunização (PNI) é uma referência mundial, conhecido por altas taxas de cobertura vacinal. No entanto, com o cenário da pandemia do COVID-19, o Brasil vem registrando uma queda nessas taxas. Objetivo: Analisar as taxas de cobertura vacinal nos anos de 2020 e 2021 nas regiões do Brasil. Métodos: Trata-se de um estudo epidemiológico e descritivo, onde foram obtidos dados secundários por meio do Sistema de Informações do Programa Nacional de Imunização (SI-PNI). Foi realizada uma análise das taxas de cobertura vacinal nos anos de 2020 e 2021, com as seguintes variáveis: regiões do Brasil e principais vacinas do primeiro ano de vida. Por ser um banco de dados de domínio público, o trabalho respeita as normas de resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012. Resultados: O Brasil vem apresentando uma queda na taxa de cobertura vacinal em todas as regiões brasileiras, entretanto, a região Sul apresentou o maior declínio, com uma diferença de 15,46% entre os anos de 2020 e 2021. Já a região Norte demonstrou uma diferença de apenas 9,78%. Com relação a cobertura dos imunobiológicos nos dois anos, a vacina pneumocócica apresentou o maior desempenho, com uma taxa de 73,59% de cobertura vacinal, seguida pelo tríplice viral D1 (72,99%) e meningocócica C (71,02%). Já a cobertura vacinal mais baixa foi a da vacina contra hepatite B (Até 30 dias de vida) com 60,64%. Conclusão: A Organização Mundial da Saúde recomenda uma taxa de cobertura vacinal maior que 95% para que uma doença seja erradicada, porém, nos últimos anos, o Brasil vivencia um declínio nessas taxas, principalmente no período da pandemia do COVID-19, demonstrando a necessidade de ações afirmativas e de educação que visam o aumento da cobertura vacinal.